

Os dados sugerem que a ausência de ocupação leva os indivíduos com EM a relatar pior QDV, apoiando, assim, a inserção destes indivíduos em actividades ocupacionais, adequadas ao seu grau de incapacidade, de modo a melhorar a sua QDV física e mental. Sugerem ainda que se preste particular atenção à QDV mental das senhoras com EM.

P112 QUALIDADE DE VIDA NA DOENÇA DE PARKINSON – ALGUNS FACTORES DETERMINANTES

M. Luisa Silva e José L. Pais Ribeiro

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto

Inúmeros estudos têm-se preocupado em estudar a ligação entre qualidade de vida na doença de Parkinson e uma série de factores, como as características clínicas da doença, o defeito cognitivo, as perturbações afectivas, além dos factores demográficos e educacionais.

Neste estudo pretendeu-se identificar a ligação entre ansiedade e depressão (medidas pela HADS), a deterioração cognitiva (através de diferentes provas neuropsicológicas) e a qualidade de vida (PDQ-8), numa amostra de 30 doentes de Parkinson de ambos os sexos. Concluiu-se haver uma tendência para os indivíduos com sintomatologia ansiógena e depressiva mais elevada, e maior deterioração cognitiva, apresentarem valores mais baixos no que se refere a qualidade de vida relacionada com a doença.

Trabalhos como este permitem perceber quais os factores (e a sua importância relativa) que contribuem para a percepção que os doentes têm acerca da sua doença, o que levará a intervenções médicas e psicossociais mais adequadas, que melhoram, quer o bem-estar geral do paciente, quer a qualidade de vida relacionada com a sua doença em particular.

P113 O COPING NO AJUSTAMENTO À EPILEPSIA

J. Pais-Ribeiro¹, A. Martins da Silva², R. Meneses³, & C. Falco

¹ FPCE-U Porto; ² IBAS-U Porto; ³ Univ. FP; ⁴ HGSA – Porto

Com o apoio da BICE – Bolsa da Tecnifar para investigação em epilepsia

A epilepsia é uma doença crónica, com grande impacto na vida dos doentes principalmente quando as crises epilépticas não estão controladas.

O objectivo da presente investigação é identificar, perante a situação stressante de “ser doente epiléptico com possibilidades de ter uma crise” quais as estratégias de coping que, estão associadas ou que são mais eficazes no ajustamento avaliado com a percepção geral de saúde e a qualidade de vida. 200 doentes epilépticos com idade média $M=39,62$ anos, com $M=8,12$ anos de escolaridade, 53,5% mulheres, 63% casados, 95% com pelo menos uma crise por ano, 70,5% com um tipo de crise, 99% medicados (49% em monoterapia, 33,5% em biterapia e 16,5% em politerapia), responderam a um questionário que questionava sobre variáveis demográficas, um questionário com estratégias de coping nomeadamente “Utilizar suporte social emocional”, “Auto distração”, “Suporte instrumental” “Reinterpretação positiva”, “Negação” “Aceitação”, “Coping activo” e “Religião”, e a um questionário de avaliação da percepção geral de saúde o SF-8 com dois componentes, componente mental e componente físico.

Os resultados mostram que, perante a situação stressante “doença” várias estratégias de coping estão significativamente associadas a uma boa percepção de saúde mental ou física, nomeadamente, e por esta ordem, Reinterpretação positiva, Aceitação, Negação, Auto distração, e Religião. O Suporte Instrumental tem uma associação elevada com o componente físico e não significativo com o componente mental. Para a Qualidade de Vida as estratégias mais eficazes são por esta ordem Reinterpretação Positiva, Auto distração, coping activo, Aceitação e Religião

SESSÃO DE PÓSTERES 18 – GRAVIDEZ E MATERNIDADE

Sala 2, dia 30, 09:00-17:00 • Coordenadora: Margarida Brígido

P114 ADAPTAÇÃO DA MULHER AO NASCIMENTO DE UM FILHO

Eduardo Sá & Margarida Brígido

Neste trabalho é apresentado um estudo exploratório, sobre adaptação da mulher ao nascimento de um filho. O objectivo principal, foi avaliar se existem diferenças significativas na adaptação ao nascimento de um filho entre mulheres que estão a ser mães pela primeira vez (G1: N=29) e mulheres com um ou mais filhos (G2: N=30).

Baseados no constructo de Adaptação Materna, assente em cinco variáveis psicológicas: Depressão, Ansiedade, Stress; Suporte Social e Auto-Eficácia, utilizaram-se escalas que avaliam as variáveis descritas.

Os resultados obtidos, revelam diferenças significativas entre os dois grupos analisados. As mães que já tinham filhos, revelaram uma menor satisfação com o seu suporte social (suporte social total $Z(59)=-1,791$; $p=0,073$) e apresentaram menor percepção de auto-eficácia (auto-eficácia total $Z(59)=-1,928$; $P=0,054$; na sub-escala eficácia perante adversidade $Z(59)=-1,920$; $p=0,0055$). Não foram encontradas diferenças significativas nos níveis de depressão, ansiedade e stress; embora, as mães com mais do que um filho tenham apresentado scores mais elevados. Tais resultados, implicam não só a necessidade de alertar as equipas de Saúde Materna dos Serviços de Cuidados de Saúde Primários, como incitam a uma maior investigação nesta área, dada a forte correlação negativa encontrada entre as variáveis de Suporte-Social, Auto-eficácia e as variáveis Depressão, Ansiedade e Stress

P115 ADAPTACIÓN AL EMBARAZO Y PREMATURIDAD

M. Mendonça¹, R. Sousa², F. V. Castro³ & B. Figueiredo⁴

¹ Escola Superior de Enfermagem Cidade do Porto; ² INE – DRN, Faculdade de Ciências, Porto;

³ Departamento de Psicología y Sociología de la Educación Universidad de Extremadura, Badajoz;

⁴ Departamento de Psicología da Universidade do Minho

El trabajo que aquí presentamos resumido, Adaptación al embarazo y Prematuridad, se inscribe en una perspectiva de ecología y de desarrollo del embarazo. Hoy se reconoce que el embarazo es un momento de desarrollo vivencial para la mujer, tal y como lo son la pubertad o el climaterio (Bibring, Dwyer, Hutington & Valenstein, 1961). Es esencialmente a la madre a la que se le exige que se enfrente a un gran número de cambios a diversos niveles y de reajustes intra personales (Kumar, Robson & Smith, 1984), cuya solución depende de un conjunto de variables que se encuentran en los diversos niveles de su ecosistema, desde los biológicos hasta los socioculturales, pasando por las variables de carácter más psicológico. El recorrido de todas estas variables se estudia, bajo diversas formas, en el presente trabajo.

Estando convencidos de que el conocer las condiciones en que se desarrolla el embarazo, constituye un instrumento fundamental para promocionar la salud mental de la embarazada, nos hemos propuesto, como objetivo principal, valorar la existencia de eventuales relaciones de causalidad entre la adaptación al embarazo y el resultado obstétrico, sobre todo en el parto prematuro.

Este trabajo de investigación se basa en una muestra de 309 embarazadas, seleccionadas entre las usuarias de la consulta de ambulatorio de obstetricia de la Maternidad Julio Dinis (MJD, Oporto). Se escogió a los cuestionados de manera aleatoria, entre los meses de marzo y noviembre del